

As marcas do estigma: uma análise dialógica do conto “Linda, uma história horrível” de Caio Fernando Abreu¹

The marks of stigma: a dialogic analysis of the short story “Linda, a horrible story”, by Caio Fernando Abreu

José Claudio Gomes Dantas²
Cícero Barboza Nunes³

RESUMO

Este estudo tem como objetivo realizar uma análise sobre as relações entre as personagens estigmatizadas presentes no conto “Linda, uma história horrível” (1988/2018), de Caio Fernando Abreu, a partir de um roteiro de leitura proposto para o Ensino Médio. O autor tem grande destaque na literatura, não só pela escrita escancarada, mas também pela sua capacidade de tornar visíveis, em sua obra, personagens marginalizados pela sociedade, além de construí-los capazes de rumorar e confundir tanto a sociedade quanto os sujeitos que estão dispostos a tornar essas personagens desviantes do que é pleno e socialmente aceito. Para tanto, são analisados personagens, discursos e conflitos, com o intuito de apontar como as marcas estigmatizantes surgem na sociedade e deterioram a identidade dos que por elas são afetados. Tomamos como pano de fundo teórico os estudos sobre o dialogismo e os conceitos de discurso e vozes sociais de Mikhail Bakhtin (2010; 2011; 2016), e o conceito de estigma abordado por Erving Goffman (1963/2017), a fim de possibilitar uma análise do conto a partir da proposta de um roteiro de leitura para o Ensino Médio. Metodologicamente, nosso estudo tem um caráter bibliográfico com abordagem qualitativa e natureza descritiva-interpretativa, partindo do método dialógico. Com base disso, averiguamos, analiticamente, de que maneira os diálogos entre as personagens do conto caracterizam-nas como seres deteriorados, e como os discursos ideológicos, presentes nessa interação, interferem no processo de estigmatização das personagens na obra. Os resultados apontam que a maneira como as personagens são construídas e caracterizadas inclinam para estereótipos hostilizados e mantidos dentro de uma jaula, sob a contenção de identidades deterioradas, projetando corpos renegados e vozes silenciadas por estigmas sociais. Portanto, a pesquisa aponta para uma leitura contendo narrador e personagens transgressoras das convenções sociais em busca de liberdade, provocando no leitor uma inquietação social frente à (in)completude da obra analisada.

Palavras-chave: Conto. Dialogismo. Estigma. Vozes sociais. (In)completude.

ABSTRACT

This study aims to carry out an analysis of the relationships between the stigmatized characters present in the short story “Linda, uma história horrível” (1988/2018), by Caio Fernando Abreu, based on a reading script proposed for High School. The author has great prominence in literature not only for his writing, but also for his ability to make visible, in his work, characters marginalized by society, as well as to construct them capable of rumoring and confusing both society and the subjects who are willing to make these characters deviant from what is completely and socially accepted. For so, characters, discourses, and conflicts are analyzed in order to point out how stigmatizing aspects arise in society, and deteriorate the identity of those who are affected by them. We took as theoretical background the studies on dialogism and the concepts of discourse and social voices by Mikhail Bakhtin (2010; 2011; 2016), as well as the concept of stigma by Erving Goffman (1963/2017) in order to enable an analysis of the short story from the proposal of a reading script for high school. In terms of methodology, our paper has a bibliographical character with a qualitative approach and a descriptive-interpretive nature, based on the dialogical method. Based on this, we analytically investigate how the dialogues between the characters in the story characterize them as deteriorated beings, and how the ideological discourses, present in this interaction, interfere in the process of stigmatization of the characters. The results indicate that the way the characters are constructed and characterized inclines towards marginalized stereotypes and kept inside a cage, under the containment of deteriorated identities, projecting renegade subjects and voices silenced by social stigmas. Therefore, the research points out to a reading containing narrator and characters as transgressors of social conventions in search of freedom, provoking in the reader a social restlessness in face of the (in)completeness of the analyzed work.

Keywords: Short story. Dialogism. Stigma. Social voices. (In)completeness.

¹ O presente artigo constitui um texto resultante do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Metodologias do Ensino de Línguas ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. Esta versão passou por reformulações e acréscimos de acordo com as especificações da revista.

² Mestrando pelo Programa de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bom Jesus/PB, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9788-0096>. E-mail: jose.dantas.072@ufrn.edu.br.

³ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Serra Talhada/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9633-4272>. E-mail: cicero.nunes@ifsertao-pe.edu.br.

1 NO COMEÇO ERA O VERBO

No processo de evolução da humanidade, é fato que os seres humanos sempre fizeram uso da linguagem como forma de se comunicar uns com os outros. Durante esse processo íntimo, a língua é vista como uma possibilidade de inserção dos sujeitos dentro de esferas sociais variadas e, sem dúvidas, o conto, por exemplo, é um gênero discursivo muito expressivo e presente nessa conjuntura da linguagem. Como afirma Alfredo Bosi (1975), em *O conto brasileiro contemporâneo*, o conto "tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo" (BOSI, 1975, p. 8).

No cotidiano brasileiro, é comum nos depararmos com as mais diferentes manifestações da utilização da linguagem, e a sociedade ainda costuma fazer uso dela como mecanismo para a manifestação do preconceito. Como exemplo, podemos citar, o preconceito e os estereótipos relacionados às pessoas idosas e soropositivas, claramente bombardeadas, depreciadas, marginalizadas enquanto sujeitos, colocadas como seres descartáveis no conto "Linda, uma história horrível", de Caio Fernando Abreu (1988/2018). Vale salientar que a obra nos conduz para leitura de outras vozes sociais, como a própria mulher na terceira idade, o racismo e a inferioridade da mulher na função de cozinheira de casa de família. Entretanto, esse recorte temático dos preconceitos e estereótipos dos dois corpos sociais nos conduzirá pela análise da obra, como observaremos neste trabalho.

A partir dessas relações, Bakhtin (2011), em *Estética da criação Verbal*, aponta que podemos identificar vozes silenciadas em narrativas. Ao analisar uma obra à luz da teoria bakhtiniana, é possível interpretar estigmas que se colocam em contraste, quando sujeitos estigmatizados dialogam entre si e com os outros. Portanto, essas vozes representam não apenas uma esfera comunicativo-expressiva, mas ideologias pautadas em aspectos sociais, culturais, históricos e de tradição (BAKHTIN, 2011).

Partindo desses pressupostos, o grande desafio deste artigo será responder as seguintes perguntas: De que maneira os diálogos entre as personagens do conto "Linda, uma história horrível", de Caio Fernando Abreu (1988/2018), caracterizam-nas como seres deteriorados? E como os discursos ideológicos presentes no conto interferem no processo de estigmatização das personagens? Como hipótese, partiremos do pressuposto da não homogeneidade dos discursos, bem como de sua dependência do contexto situacional em que estão sendo utilizados (BAKHTIN, 2011). Assim, pensaremos a partir da intencionalidade que o sujeito enunciador se utiliza para apontar como as marcas estigmatizantes surgem na sociedade e como deterioram a identidade dos que por elas são afetados.

A partir dessa hipótese, este artigo possui como objeto de análise o conto "Linda, uma história horrível"⁴, presente na obra *Os dragões não conhecem o paraíso*, publicada pela primeira vez, no ano de 1988, de Caio Fernando Abreu (1988/2018).

Nesse sentido, nosso objetivo geral é realizar uma análise sobre as relações entre as personagens estigmatizadas presentes no referido conto, buscando apresentar uma discussão pautada na análise dialógica do texto, por meio de um roteiro de leitura do objeto de pesquisa proposto para o Ensino Médio. Além disso, especificamente, buscamos entender as condições dos sujeitos estigmatizados em uma sociedade preconceituosa,

⁴ Buscando facilitar a compreensão da leitura realizada nesta análise, indicamos o acesso à obra a partir do link a seguir: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2018/12/ABREUCaio-Fernando-Os-Dragoes-Nao-Conhecem-o-Paraiso.pdf>.

enraizada em um discurso dual, a fim de compreender como esse discurso encontra-se atrelado ao estigma, de acordo com a relação entre o dialogismo bakhtiniano e a teoria do estigma de Goffman.

A narrativa escolhida nos conduz a uma carência de aprofundamento para podermos entender, com mais clareza, as condições dos sujeitos estigmatizados em uma sociedade em que ainda existe o discurso dual do que é certo ou errado, do bem e do mal, do bonito e do feio, do aceitável ou não. Para sustentar esse posicionamento, utilizaremos, essencialmente, os estudos sobre o estigma e sua classificação, realizados por Erving Goffman em *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1963/2017), que colabora para este estudo desenvolvido a partir da leitura do conto supracitado, por meio do arcabouço teórico de Bakhtin e o seu Círculo, que discutem dialogismo, discurso e vozes sociais em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (2010), *Estética da criação verbal* (2011) e no ensaio "Os gêneros do discurso" (2016). Portanto, trata-se de compreender como o discurso encontra-se atrelado ao estigma de acordo com os posicionamentos desses autores.

Na concepção de Bakhtin, o dialogismo é a condição para que um enunciado seja preenchido de sentido, ou seja, que tenha sentido significativo, destacando que o sentido não se situa no sujeito produtor, tampouco na palavra no interior da língua, mas sim na enunciação, no ponto de contato entre os sujeitos que interagem (BAKHTIN, 2010). Por sua vez, o discurso resulta em formas-padrão "relativamente estáveis" de um enunciado, sendo determinadas social e historicamente (BAKHTIN, 2016). O autor aponta que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso, de modo que podemos compreender as vozes sociais como representações desse discurso, relacionadas a diferentes posicionamentos, pontos de vista, posturas ideológicas (BAKHTIN, 2010).

Diante disso, este artigo se justifica a partir de três esferas: pessoal, acadêmica e social. Na esfera pessoal, a escolha da obra e da perspectiva teórico-crítica resultou do fato de estes pesquisadores serem eternos leitores da literatura infantojuvenil e compreenderem o gênero conto como uma movimentação dialógica, graças aos conhecimentos adquiridos a partir da leitura minuciosa da teoria do dialogismo; na esfera acadêmica, o fato de o conto ser analisado a partir do viés bakhtiniano, possibilita uma leitura analítica e discursiva, proporcionando para o público um espaço de possibilidades e aplicabilidade do roteiro de leitura para o Ensino Médio, como uma forma de aproximar o estudante e a literatura dentro do espaço da sala de aula; por fim, na esfera social, esta pesquisa reverbera a presença de discursos estigmatizantes em relação às pessoas idosas e soropositivas que, na sociedade atual, apesar das transformações, discussões e conhecimento das pessoas, ainda são caracterizadas como sujeitos estigmatizados e decadentes.

A fim de responder às perguntas de pesquisa e alcançar os objetivos elencados, este trabalho dividir-se-á nas seguintes seções: na primeira seção, será apresentada uma discussão acerca de alguns conceitos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev) e sobre a teoria do estigma a partir dos estudos realizados por Erving Goffman. Em seguida, na segunda seção, destacaremos o percurso metodológico, que possibilitou a realização deste estudo. Adiante, na terceira seção, faremos a análise do objeto de estudo sob o viés dialógico e analítico. Por fim, nas considerações finais, buscaremos responder às perguntas de pesquisa, bem como apontar suas contribuições para o desenvolvimento de metodologias do ensino de línguas por meio de roteiros de leituras.

2 DIALOGISMO E ESTIGMA: DISCURSOS E VOZES SILENCIADAS

Nesta seção, será apresentada uma discussão necessária à orientação e análise deste trabalho, bem como ao *corpus* da pesquisa. Assim, na primeira subseção apresentaremos, de maneira reflexiva, uma discussão a respeito dos estudos bakhtinianos, destacando alguns conceitos de sua teoria (BAKHTIN, 2010; 2011; 2015; 2016). Em seguida, abordaremos a teoria do estigma (GOFFMAN, 1963/2017), cooperando com os estudos do Círculo de Bakhtin, que reforçam a análise do *corpus*.

2.1 Abre caminhos que eu quero passar

Os estudos sobre a teoria dialógica de Mikhail Bakhtin, sem dúvidas, ainda provocam uma grande tensão devido aos muitos conceitos que se entrelaçam, portanto, essa é uma atividade que requer atenção, pois, muitos desses conceitos, dialogam entre si, como o que acontece com o conceito de dialogismo, discurso e vozes sociais. Aqui, abordaremos a seguir, os conceitos bakhtinianos necessários para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.1.1 Do “eu para mim”, do “outro para o mim” e do “eu para o outro” – o dialogismo

No Brasil, um conceito que predomina dentro do campo dos estudos literários é o dialogismo, uma vez que ele nos permite compreender muitos outros conceitos bakhtinianos (BAKHTIN, 2011). Discutir o dialogismo é refletir sobre a linguagem; assim, é importante destacar o ser humano enquanto um sujeito social, capaz de constituir-se tanto pelos seus discursos quanto pelas suas ações, logo, “ser significa ser para outro e, através dele, para si” (BAKHTIN, 2011, p. 341). Esse sujeito é, ao mesmo tempo, individual e coletivo, formulando seus discursos dentro de um espaço-temporal contínuo da linguagem; um sujeito capaz de falar e ouvir, bem como reproduzir atos da comunicação por meio de seus enunciados.

Em *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*, Carlos Alberto Faraco (2009) norteia o leitor a respeito do estudo da teoria dialógica bakhtiniana. O autor tenta situar os leitores nesse universo a partir de uma discussão de alguns conceitos do teórico russo, de modo a apresentar uma discussão clara a respeito dos estudos do Círculo. Como afirma Faraco (2009), o Círculo é formado por estudiosos dos mais variados campos de estudo, que tinham em comum o desejo da discussão entre a filosofia e o debate de ideias. Faziam parte desse grupo, o filósofo Kagan, o biólogo Kanaev, a pianista Yudina, o professor Pumpianski e, sem sombra de dúvidas, a tríade Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medviédev que, em especial, dedicaram-se aos estudos sobre a linguagem (FARACO, 2009).

Corroborando o pensamento de Faraco (2009), em *Teoria do romance I: a estilística*, Bakhtin (2015) afirma que a linguagem é um espaço semiótico-ideológico, pois é considerada enquanto cosmovisão, ou seja, a visão do mundo sem separar conteúdo de forma, capaz de materializar os sentidos que a vida possibilita. Assim, é possível entender os espaços, os tempos e as situações em que são colocadas as obras de arte, desde o seu processo de produção até a sua recepção. Portanto, é por meio da linguagem que podemos compreender as entrelinhas, os discursos e as vozes sociais representadas pelas personagens e pelo narrador do conto escolhido nesta pesquisa.

No tocante a isso, é preciso salientar que as relações dialógicas germinam da interação entre os sujeitos e dos sentidos possíveis provocados por seus discursos. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2010) afirma que "as relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria" (BAKHTIN, 2010, p. 210).

Somando-se a esse pensamento, Ângela Fanini (2013), no artigo "O romance: uma forma ético-política na perspectiva bakhtiniana", afirma que a linguagem é compreendida enquanto um fenômeno vivo, extralinguístico, pois, "todo ato comunicativo é, na realidade, uma tradução, ou seja, o falante compreende e reacentua a palavra do outro a partir de suas matrizes culturais, políticas e sociais" (FANINI, 2013, p. 24). Portanto, as palavras ditas podem ser orientadas tanto pelo já dito quanto por réplicas futuras a partir de cada enunciado.

Logo, reforçando esse posicionamento sobre o enunciado, Bakhtin (2016) em *Os gêneros do discurso* afirma que o enunciado não pode ser considerado algo individual e monológico, mas um produto que nasce da interação entre a linguagem e o contexto social e histórico (BAKHTIN, 2016). Assim, não apenas temos uma análise formal-ideológica, mas também, a compreensão da linguagem enquanto dialógica.

A seguir, apresentamos uma discussão a respeito dos conceitos de discurso e vozes sociais norteada por Bakhtin e o seu Círculo.

2.1.2 Introduza que eu reflito como quero – do discurso e vozes sociais

Em (*Círculo de Bakhtin*) *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, Volóchinov (2018) concebe a palavra como um signo ideológico, fruto das relações sociais, que envolvem a compreensão e a interpretação dos sujeitos sociais, isto é, um fragmento materializado da realidade, um produto vivo e mutável, pois, sempre permite espaço para a fala do outro, logo, o enunciado faz parte de uma unidade da comunicação discursiva, sempre citado, nunca repetido, representando uma ideologia.

O enunciado é, por si só, ideológico em duplo sentido: apresenta-se em uma esfera ideológica, bem como é capaz de expressar sempre uma avaliação valorativa (BAKHTIN, 2011). Tudo que é ideológico possui um significado, portanto, representa um signo ideologizado, ou seja, "qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91), pois, "onde não há signo também não há ideologia" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91). Portanto, tudo que é ideológico possui múltiplas significações refletidas e refratadas para além de seus limites e possibilidades.

Ao pensar nisso, podemos compreender que, para Bakhtin (2015), não podemos analisar uma obra sob a ótica de uma linguagem única, porque existem, nas falas do narrador e das personagens, representações de grupos sociais diferentes, uma diversidade de linguagens dentro do próprio texto, ou seja, o heterodiscurso. Assim, entendemos que essas vozes sociais se movimentam dentro da obra.

Logo, ao nos propor analisar uma obra a partir dos posicionamentos das personagens, precisamos ter em mente que, como afirma Anthony Wall (2019) no artigo "Os personagens na teoria de Bakhtin", desde o momento que as personagens são pensadas para uma obra, "uma vez criados, eles pareciam falar por si mesmos" (WALL, 2019, p. 3), logo, no ensaio "O autor e a personagem na atividade estética" presente em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) aponta para novos caminhos que discutem a

relação de dominação do autor pela personagem, da personagem pelo autor e da personagem com o seu próprio autor.

Nesse sentido, a personagem é fonte de vozes no texto, não apenas mero produto do meio; sobretudo, o autor não vê a personagem como um produto que apenas representa alguém na realidade. Como afirma Wall (2019, p. 9) "personagens são portadores do discurso social e, como tais, não podem ser acabados. Além disso, eles entram no mundo dialógico do leitor, que é constantemente variável", ou seja, a personagem é duplamente dialógica, um ser "inacabado porque é incapaz de ser isolado e por causa do discurso social do qual ele é composto e do qual ele deve participar (WALL, 2019, p. 9).

Em *Diálogos com Bakhtin* no capítulo "Sobre O autor e o herói – um roteiro de leitura", Cristóvão Tezza (2007) afirma que não se trata apenas de conhecer uma personagem, mas de uma "compreensão da obra estética" (TEZZA, 2007, p. 232), isto é, cada um dos personagens possui uma voz própria, consciente e preenchida por valores que não se sobrepõem a voz de outros personagens ou do próprio narrador. Portanto, são sujeitos em constante contato interativo com as outras personagens que apresentam múltiplos sentidos e incontáveis possibilidades de relações e ramificações discursivas (BAKHTIN, 2015).

Assim, observamos que, ao analisar as personagens pelo viés bakhtiniano da linguagem, devemos concebê-las como uma égide para o texto, em que observadas a sua forma espacial, o seu todo temporal e o seu todo significativo, fundamentamos, portanto, o excedente da visão humana (exotopia) (TEZZA, 2007).

De acordo com esse pensamento, Volóchinov (2018) infere que a personagem deve ser analisada a partir do viés ideológico, visto que a ideologia aparece enquanto um espaço que enlaça a arte, a filosofia, a religião, a ética e a política (VOLÓCHINOV, 2018). Partindo de uma realidade natural ou social, todo produto ideológico possui significados que nos remetem ao externo da obra, isto é, "tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia." (VOLÓCHINOV, 2018, p. 31). Assim, não podemos isentar a linguagem do aspecto ideológico, pois ela é parte essencial de um contexto real e social, ou seja, "cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade (VOLÓCHINOV, 2018, p. 33). Portanto, de fato, é necessário que compreendamos a ideologia enquanto histórica e social, viva e real.

Nessa seara, a personagem analisada a partir da teoria bakhtiniana, apresenta-se enquanto uma fonte de vozes sociais que são preenchidas axiologicamente (BAKHTIN, 2011). A personagem para o autor russo é um ser individual e social, inacabada e capaz de nos oportunizar leituras, releituras e desleituras, ela não está a serviço de temáticas ou de enredos, pelo contrário, ela está situada a partir da ótica de um espaço de visão excedente; ela é capaz de narrar o outro, bem como falar com o outro, portanto, ela não é como é, mas, apresenta-se de acordo com a tomada de consciência de si (BAKHTIN, 2011).

Pensar a personagem a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, é percebê-la sob diversos vieses, preenchidas nuances físicas, psicológicas, sociais, culturais ou históricas. Logo, é compreendê-la pela relação entre espaço, tempo e sentido (TEZZA, 2007). Portanto, conceber a personagem no gênero discursivo conto, é aceitar a existência de múltiplos sentidos, é construí-la e preenchê-la ideologicamente a partir do texto de acordo com cada leitura realizada.

Adiante, apresentamos uma breve explanação a respeito do que seria o estigma, bem como ele é classificado de acordo com a abordagem de Erving Goffman em *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1963/2017) assim como outros autores que reforçam o posicionamento do autor.

2.2 Desconsiderando corpos e reverenciando estigmas

Nesse ínterim, seria tendencioso pensar a análise do conto escolhido, após esclarecer as discussões de Bakhtin e do Círculo (2010; 2011; 2015; 2016), senão, antes de qualquer coisa, não abordássemos a teoria do estigma (GOFFMAN, 1963/2017), mostrando que para este trabalho, ambas as teorias se entrelaçam e dialogam, possibilitando que o leitor compreenda a necessidade do aporte teórico, elencado para a análise do conto. Portanto, a seguir, apresentamos uma discussão a respeito do conceito de estigma e suas classificações para Goffman (1963/2017), como também de outros teóricos que compartilham do mesmo pensamento do autor.

2.2.1 O estigma para Erving Goffman

A fim de elucidar o caminho e a escolha da teoria do estigma, parte fundamental desta pesquisa, é preciso frisar que, inicialmente, Erving Goffman (1922-1982) trilhou carreira enquanto sociólogo, antropólogo e escritor, com influência e contribuição de estudos dentro do campo da sociologia e da antropologia, como também na psicologia social, psicanálise, comunicação social, linguística, literatura, educação, ciências da saúde, dentre outras áreas.

Seu maior estudo foi publicado em 1959, *A representação do Eu na vida cotidiana*, a partir do qual desenvolveu a ideia de que o universo é um grande teatro e cada um de nós representamos, individualmente e em grupos, atores, de acordo com as circunstâncias em que somos colocados, graças aos posicionamentos que tomamos relativamente sobre nós, sobre os outros e sobre a visão dos outros sobre nós. Dentre outras obras de grande importância, o autor canadense escreveu *Manicômios, prisões e conventos* (1961) e a nossa escolha de aporte teórico, *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1963/2017).

A partir dessa obra, podemos nos direcionar a significados e usos distintos em relação à etimologia do verbete estigma. O termo tem sua origem no grego como uma referência de marcas feitas nos corpos dos escravos, dos criminosos ou, ainda, das pessoas que deveriam ser evitadas pela sociedade (GOFFMAN, 1963/2017). Com o passar dos anos, o verbete ganhou dois sentidos: o primeiro diretamente ligado às marcas corporais ocasionadas por alguma graça divina; e o segundo ligado aos sinais advindos de, possivelmente, alguma doença física (GOFFMAN, 1963/2017). Assim, observamos que, durante muito tempo, esse termo esteve ligado ao seu sentido literal, mas com as mudanças na sociedade, aprofundamentos e entendimentos diversos, ganhou novas significações.

Para Goffman (1963/2017), o termo ganha um novo significado, passando a ser relacionado à situação de determinado sujeito, por este apresentar marcas que o diferencia do outro, sendo renegado, invisibilizado e, muitas vezes, incapacitado e negligenciado, não podendo ser aceito dentro de uma determinada sociedade.

Nesse sentido, o termo empregado pelo autor canadense é, sem dúvidas, inseparável dos sujeitos que possuem marcas diminuidoras de estima/aceitação social e daquelas consideradas como normais (GOFFMAN, 1963/2017). O termo estigma fortalece o caráter hierarquizante dos sujeitos, pois, a partir dele, é possível estabelecer categorias entre as pessoas, de acordo com traços, marcas e atributos deixados por diferentes valores sociais, culturais, históricos, dentre outros (GOFFMAN, 1963/2017). Essa categorização edifica uma separação entre os sujeitos ditos normais e aceitos pela sociedade e os sujeitos estranhos que devem ser anulados, sujeitos com alteridades sociais deterioradas na perspectiva bakhtiniana.

Ademais, é preciso mencionar que os estudos de Goffman não tratam necessariamente do estigma, mas dos processos de estigmatização e manipulação de informações, portanto, não categorizamos nesse texto o estigma como sendo a base da teoria, mas uma ponte de acesso. A ideia apresentada por Goffman (1963/2017) nos entrega dois conceitos de identidades dos sujeitos: a identidade virtual e a real. A primeira, atrelada diretamente às demandas pessoais de cada sujeito, imputando e concebendo pré-julgamentos de como cada um deveria ser frente aos demais sujeitos; e uma segunda, a identidade social, aquela a partir da qual os sujeitos conseguem provar seus atributos/características diante de nós. Goffman (1963/2017, p.12, grifo nosso) apresenta-nos que,

[...] ao nos deparar com um estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Essa característica é um estigma, pois, possui um efeito que descreebiliza o sujeito, constituindo uma discrepância exagerada entre a identidade social virtual e a real. (GOFFMAN, 1963/2017, p. 12, grifo nosso).

Portanto, essas divergências apontadas a partir dessa dualidade, constituem o que chamamos de identidade social, uma vez que, em certo grau, representam os próprios sujeitos. No momento em que estes apresentam maiores diferenças em relação ao outro, começa um processo de exclusão dentro de uma determinada sociedade, exigindo semelhanças do outro e que, de forma calculista e sórdida, nega-se a conviver com o diferente, com o estranho (GOFFMAN, 1963/2017).

No tocante à análise discursiva da obra, é importante destacar que a relação entre os estudos de Goffman e a análise dialógica do discurso, deve-se à constituição do sujeito discursivo, seu caráter polifônico, as marcas de heterogeneidade no discurso, o que constitui prioritariamente objeto de estudo da Análise do Discurso, porque o sujeito interage com pessoas e situações distintas, podendo ser formais ou informais, caracterizando-se como produto da interação entre a locutor e interlocutor (BAKHTIN, 2011).

Desse modo, a seguir, apontamos alguns conceitos sobre o estigma que corroboram para o empreendido por Goffman (1963/2017) a fim de colaborar para uma melhor compreensão do aporte teórico escolhido.

2.2.2 O estigma para além de Goffman

Contribuindo com o pensamento de Goffman (1963/2017), Montalvão (2005), em *Representando o preconceito: o homem sem rumo de Salim Miguel*, afirma que, dentro do

processo de estigmatização dos sujeitos, elementos como a conduta e a aparência, sempre serão indispensáveis, pois as primeiras impressões e percepções que temos do outro, são refletidas por eles, estabelecendo a identidade social do outro. Nesse sentido, diante de um sujeito desconhecido, Goffman (1963/2017, p. 11) afirma que:

[...] os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados.

A partir desses traços demarcados por estereótipos, desenvolve-se o processo de estigmatização do outro. No artigo "O estereótipo e as diversidades", Baccega (1998) afirma que o estereótipo funciona, ao mesmo tempo, como uma espécie de facilitador e de inércia, apoderando-se de nossa mente e fazendo-nos coletar fatores reais, tratando-os a partir de nossa própria experiência e cultura. Um processo facilitador que parte de leituras, releituras e desleituras literárias, a partir de recortes, por exemplo, a fim de criar moldes permanentemente aceitos pela sociedade que o texto representa, deslegitimando o outro por meio de excessivas simplificações de sua identidade social (BACCEGA, 1998).

Ainda para Goffman (1963/2017), podemos classificar o estigma sob três vieses: deformidades físicas, características pessoais e comportamentais e estigmas tribais. Entretanto, como apontam Stafford e Scott (1986), em *The Dilemma of Difference*, podemos identificar variantes de acordo com cada uma das sociedades, portanto, trata-se de um fenômeno relativo, pois, aquilo considerado estigma em um grupo social pode não o ser para outro (STAFFORD & SCOTT, 1986). O modo que alguns estigmas podem ser mantidos ao longo do tempo, seja pelas marcas históricas, seja por marcas sociais e culturais, podem e sofrem mudanças de aceitação e significação da/pela/para sociedade vigente.

A sociedade tem categorizado os sujeitos, atribuindo-lhes marcas ditas comuns e naturais, previamente determinadas, a partir de uma visão pejorativa e parcial, impossibilitando a aceitação social do outro diferente, estranho, marginalizando-o e inabilitando-o à aceitação social plena (GOFFMAN, 1963/2017). Portanto, criando "expectativas normativas" que negligenciam o outro devido a exigências rigorosas capazes de personificar identidades sociais aceitáveis e preferíveis a identidades deterioradas e subalternas.

Ainda nesse caminho, em *O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana*, Siqueira e Cardoso (2011) apontam que estigmatizar um sujeito ocasiona muitos problemas ao indivíduo portador, pois a sociedade acaba por diminuir ou retirar as chances e oportunidades, todo o esforço e lutas, desvalorizando o sujeito, bem como impondo-lhe a perda da identidade social, logo, determinando a imagem deteriorada (SIQUEIRA; CARDOSO, 2011). Castel (1997), no capítulo "As armadilhas da exclusão", também afirma que o estigma é utilizado para referenciar atributos depreciativos dos sujeitos, colocado como algo maléfico, abominado e renegado pela sociedade e, portanto, deveras deve ser rejeitado pelo outro. Isso acontece porque deformidades sejam elas quais forem promovem padrões de inferioridade (CASTEL, 1997). Existe assim, uma perda da identidade social para a imagem deteriorada, um controle de informações sobre o sujeito estigmatizado.

Goffman (1963/2017) propõe não um estudo do estigma como tal, mas sim, a sua importância para com a manipulação das alteridades dos sujeitos estigmatizados, buscando saídas para lidar com a rejeição social e adequação às normatizações impostas pelo outro. Em síntese, o autor busca estabelecer uma relação entre o estigma e o desvio social dentro de contextos interacionais, o que nos permitiu fazer um elo com a teoria bakhtiniana e do Círculo.

A seguir, discorreremos sobre o percurso metodológico desta pesquisa para que possamos entender como as teorias supracitadas são aplicadas ao objeto de estudo, possibilitando a análise do conto "Linda, uma história horrível" (ABREU, 1988/2018).

3 TIJOLOS SOB TIJOLOS EDIFICAM UMA CONSTRUÇÃO

Este estudo toma como norte as leituras realizadas sobre dois pontos: uma discussão acerca da conceituação do dialogismo, discurso e vozes sociais apresentada por Mikhail Bakhtin (2011) em *Estética da criação verbal*, e sobre os estudos a respeito da classificação do estigma realizados por Erving Goffman (1963/2017) em *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Esse percurso se mostra necessário para que possamos realizar uma análise sobre as relações entre as personagens estigmatizadas presentes no conto "Linda, uma história horrível" (1988/2018), de Caio Fernando Abreu, a partir de um roteiro de leitura proposto para o Ensino Médio. Para Culler (1999), em *Teoria literária: uma introdução*, a literatura, a partir do século XX, se relaciona com diversas áreas, não sendo utilizada em segundo plano, com o intuito de discutir apenas a gramática ou a interpretação de textos como muitas escolas públicas e particulares fazem.

Dessa forma, a partir da narrativa escolhida, buscamos aprofundar os estudos a fim de compreender melhor as condições dos sujeitos estigmatizados em uma sociedade que, sobretudo, é enraizada em discursos duais. Analisar o texto literário, em nosso caso, o conto, é adentrar o conceito de gêneros discursivos apresentado por Mikhail Bakhtin; sobretudo compreender como se processam os discursos ideológicos presentes na obra. Portanto, do mesmo modo como a conceituação de discurso elaborada por Mikhail Bakhtin (2011), outros conceitos discutidos pelo autor também poderão se entrelaçar nessa discussão. Assim, intentamos compreender como esses discursos se encontram atrelados ao estigma presente na narrativa abreuniana. Dessa forma, realizamos a análise do conto dialogando com as duas teorias, destacando as relações estabelecidas entre as personagens presentes na narrativa.

De acordo com Gil (2013), em *Como elaborar projetos de pesquisa*, este estudo pode ser classificado como uma pesquisa bibliográfica, isto é, "elaborada com base em material já publicado" (GIL, 2013, p. 29), tendo como objeto de estudo o conto "Linda, uma história horrível", de Caio Fernando Abreu, especialmente, no que diz respeito aos discursos das personagens. Ademais, em se tratando de um estudo discursivo, assumimos uma base qualitativa, devido ao seu caráter interpretativo e de coleta de dados (GIL, 2013), buscando, em relação aos seus objetivos, uma compreensão descritiva-interpretativa do estigma social que assola a vida das personagens abreunianas, ou seja, apoiamos-nos em investigações sobre ideologias e posicionamentos acerca de nosso problema (GIL, 2013). Para assim, conforme Bakhtin (2017), em *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*, aplicar o método dialógico de análise, ou seja, uma "interpretação como correlacionamento e reapreciação em um novo contexto" (BAKHTIN, 2017, p. 66), isto é, possibilitar uma leitura holística da obra escolhida. Portanto, o

método dialógico se configura como a relação dialógica com o objeto, entre as vozes presentes e as relacionáveis com o enunciado, que garantem compreender os sentidos de um texto na qualidade de enunciado vivo.

Para proceder a análise, faz-se necessária uma breve apresentação do autor e conto escolhidos nesta pesquisa como se vê a seguir.

3.1 Caio-me nos seus contos

Em *Ficção brasileira contemporânea*, Schollhammer (2011) afirma que Caio Fernando Loureiro de Abreu, nascido em 12 de setembro de 1948, na cidade de Santiago do Boqueirão, é um escritor sul rio-grandense, que tem sua trajetória literária marcada pela Ditadura Militar (1964-1985), quando vivenciou o império do autoritarismo e da opressão no Brasil. Oriundo dessa época, suas obras se caracterizam como reflexos de anseios, medos e tristezas vivenciadas por todos os que passaram por este período (SCHOLLHAMMER, 2011).

No entanto, em meio a tanta desgraça, junto a autores como Rubem Fonseca, Ignácio de Loyola Brandão, Roberto Drummond, Sérgio Sant'Anna, João Gilberto Noll e Dalton Trevisan, Caio surge nesse cenário com passos de quem desnuda a crueza humana na literatura brasileira, ao publicar o seu primeiro romance, *Limite Branco* (1970), aos 19 anos de idade (SCHOLLHAMMER, 2011). Perseguido pela Ditadura Militar, o jovem decide morar com Hilda Hilst, acabando por ser exilado no exterior no ano de 1973, passando por países como Espanha, Holanda, Inglaterra, Suíça e França, voltando ao Brasil em 1974 (SCHOLLHAMMER, 2011).

Caio publicou obras como *Morangos Morfados* (1982), *O Triângulo das Águas* (1983), *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (1988) e *Ovelhas Negras* (1995), sendo as três últimas, agraciadas pelo Prêmio Jabuti. Em 1994, quando descobriu que estava soropositivo, declarando publicamente, vindo a falecer em 25 de fevereiro de 1995, aos 47 anos de idade.

Sua obra possui representatividade e relevância sob a égide de diferentes aspectos no âmbito literário brasileiro, entretanto, para esta pesquisa, optamos pelo conto "Linda, uma história horrível", pertencente ao livro *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (1988). No conto "Linda, uma história horrível", temos uma narrativa construída em terceira pessoa, com personagens que ganham voz a partir do uso do discurso indireto. O protagonista, um filho que esconde uma doença cruel que, após muitos anos, volta para visitar sua mãe, uma senhora idosa de olhar amargo e preocupado. Uma verdadeira reafirmação dos sentimentos entre mãe e filho, estabelecidos a partir de olhares e diálogos flamejantes.

Diante dessa impressão, a seguir, utilizamos de critérios de inserção e exclusão de trechos do conto para representar os pilares desta análise.

3.1.1 Pedacinhos de um todo significativo

Para compreendermos como acontece a estigmatização dos corpos constituídos alteritariamente neste conto, realizamos a seleção de oito trechos que se entrelaçam e formam um todo, refletindo e refratando ideologias e posicionamentos, diante da proposta de análise interpretativa-descritiva do objeto de estudo. No tocante a isso, a escolha deu-se pela aproximação do conteúdo, material e da forma, possibilitando uma

leitura de carrossel, isto é, podendo ser iniciada a partir de qualquer um dos excertos sem prejuízo ao objetivo geral desta pesquisa.

Vejamos a seguir no Quadro 1, os trechos escolhidos, identificados pela letra T, em maiúscula e um número de 1 a 8, em que T1 significa trecho 1 e, assim, sucessivamente com os demais trechos:

Quadro 1: Excertos para a análise do *corpus*

TRECHO	EXCERTO
T1	Estava mais velha, viu ao entrar. E mais amarga, percebeu depois (ABREU, 1988/2018, p. 08).
T2	Que esse era o melhor jeito de chegar ao fundo: pelos caminhos transversos, pelas perguntas banais. Por trás do jeito azedo, das flores roxas do robe (ABREU, 1988/2018, p. 09).
T3	A xícara amarela tinha uma nódoa escura no fundo, bordas lascadas. Ele mexeu o café, sem vontade. De repente, então, enquanto nem ele nem ela diziam nada, quis fugir (ABREU, 1988/2018, p. 10).
T4	Por entre as flores roxas, ele viu as inúmeras linhas da pele, papel de seda amassado (ABREU, 1988/2018, p. 10).
T5	Nada, mãe. Não foi nada. Deu saudade, só isso. De repente, me deu tanta saudade. Da senhora, de tudo (ABREU, 1988/2018, p. 11).
T6	Iam ter que me esconder no dia das visitas, Deus me livre. A velha, a louca, a bruxa. A megera socada no quartinho de empregada, feito uma negra (ABREU, 1988/2018, p. 12).
T7	Quase falou. Mas ela pisou primeiro. E desviou os olhos para baixo da mesa, segurou com cuidado a cadela sarrenta e a trouxe até o colo (ABREU, 1988/2018, p. 13).
T8	No fundo do espelho na parede... a sombra de um homem magro demais, cabelos quase raspados, olhos assustados feito os de uma criança (ABREU, 1988/2018, p. 16).

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A seguir, para esclarecer como serão analisados os trechos, apresentaremos o roteiro de leitura para o Ensino Médio.

3.1.1.1 Roteirizando para ensinar

Ao pensar na relação entre a leitura literária e o estudante do Ensino Médio, precisamos apontar que, de acordo com o exposto nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, Códigos e Suas Tecnologias* (BRASIL, 2006), percebemos que existe uma necessidade de repensar e aplicar metodologias diversas para o ensino de literatura. Essa etapa é de fundamental importância, tanto para a prática dos professores quanto para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos.

Nesse ínterim, com as mudanças no ensino de literatura ocasionadas pela *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018), no Ensino Médio, a literatura é apresentada aos docentes como uma forma de promoção a uma imersão do aluno em obras literárias diversas, tendo como finalidade a formação dos estudantes a partir de um pensamento crítico, amplamente aberto às diferenças e à pluralidade da sociedade, de acordo com o desenvolvimento de competências e habilidades esperadas para o século XXI.

No tocante a isso, como afirma Saraiva (2001) em *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*, o roteiro de leitura desponta enquanto um meio privilegiado de desenvolvimento das habilidades de leitura no contexto escolar, visto que relaciona o conhecimento linguístico ao de mundo, por meio de interação na unidade textual, possibilitando a identificação do leitor, bem como a sua formação holística, situando-o enquanto protagonista durante o processo de interpretação textual.

Nesse sentido, apresentamos como proposta metodológica o seguinte roteiro de leitura para o gênero conto em sala de aula de Ensino Médio, dividido em quatro etapas conforme o Quadro 2:

Quadro 2: Excertos para a análise do *corpus*

ETAPA	PROCEDIMENTO REALIZADO
Pontapé dos cinco sentidos	Realizaremos uma leitura geral do conto, a partir da qual se inicia uma análise da ação (conflito) vivida pelo protagonista e sua mãe, destacando o momento em que o conflito surge (complicação) e o momento de sua possível solução (clímax).
Abstração do tempo- espaço	Efetuiremos, a partir da percepção do tempo e do espaço, uma leitura destacando como esses elementos se articulam para o desenvolvimento da narrativa. Logo, ao pensar na unidade entre ação, tempo e espaço, no contexto do gênero conto, a partir da brevidade e linearidade próprios do gênero, das poucas personagens e descrições presentes na narrativa, realizamos a análise dos discursos sociais presentes na obra, observando a necessidade de conceber o foco narrativo em terceira pessoa a fim de destacar os pontos positivos e negativos das escolhas do autor diante do foco narrativo escolhido para apresentar o texto ao leitor.
Fuga da obviedade	Efetivaremos uma leitura das minúcias, compreendendo que, no conto, as ideias tendem a ser abstratas, desvitalizando o seu conteúdo, o que nos permite revelar mais de uma versão; um segredo nas entrelinhas é alicerçado e revelado aos poucos a partir do enlace entre ficção e realidade para, somente, no final, a partir do elemento surpresa, a história ser revelada.
Giro em 360°	Finalizaremos a leitura, a partir da percepção dialógica, discutindo conteúdo, material e forma do texto, relacionando-o com a atualidade, a partir de uma tendenciosa leitura circular de vai e vem, em carrossel, interpretativa-descritiva do conto.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A seguir, apresentamos a análise dos oito trechos selecionados nesta pesquisa, de acordo com os objetivos pretendidos inicialmente, correlacionando-os, a fim de nortear o leitor por meio de um roteiro de leitura para o Ensino Médio.

4 DA VELHA AO SOROPOSITIVADO É PRECISO PENSAR

A narrativa relata a visita de um filho à sua mãe que mora sozinha, decadente como a casa onde vive. No conto, temos como referentes da decadência, a casa, os objetos e uma cadela, um local onde tudo é apresentado sob o aspecto de um processo de ruína em decadência extrema. Todo o diálogo entre mãe e filho acontece na cozinha, um ambiente manchado não apenas por gordura, mas pelo tempo que reflete as manchas escuras da vida sofrida da senhora e dos mistérios da vida do protagonista.

Vale salientar que, nesse ponto do trabalho, os trechos selecionados serão colocados em destaque, mais especificamente, em negrito, para facilitar a leitura, interpretação e compreensão da proposta deste trabalho.

No primeiro trecho, T1, observamos a apresentação da mãe, uma senhora que já viveu muitos anos e que sofre com as marcas deixadas pelo tempo em seu corpo e em sua vida. Como notamos, as próprias falas da personagem refletem isso. Vejamos que, ao apresentá-la, o narrador nos mostra imediatamente que ela "estava mais velha, viu ao entrar. E mais amarga, percebeu depois" (ABREU, 1988/2018, p. 08). Uma senhora de aspectos dolorosos e sofridos, marcados pela passagem cruel do tempo como percebemos na relação entre os sintagmas "velha" e "amarga", que reforçam essa impetração de sentido à caracterização da senhora. Para Goffman (1963/2017, p. 5), "os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas". De fato, o autor do conto imprime isso no texto, revelando-nos uma voz social que, sem dúvidas, é estereotipada pela sociedade em que está localizada na obra, reforçando e mantendo o estigma social frente ao idoso enquanto um sujeito áspero e ranzinza.

Nesse contexto, é importante destacar que um fato interessante à narrativa é a maneira como a ceratose é enfatizada no texto, sílaba após sílaba, uma representação própria de um corpo desgastado em lento processo de decadência que, assim como o

Brasil, encontra-se "no caos, na doença e na miséria" (ABREU, 1988/2018, p. 10) confirmado pela manchete do jornal velho, rasgado que encobre o vidro quebrado da janela.

Um misto de revolta e inconformismo nasce diante dos olhos do filho, ao observar essa situação, no entanto, com ele não era diferente, pois, calado e, meticulosamente, escorregadio, o jovem escondia seus sentimentos diante da mãe como observamos no segundo trecho, T2. Ora, "que esse era o melhor jeito de chegar ao fundo: pelos caminhos transversos, pelas perguntas banais. Por trás do jeito azedo, das flores roxas do robe" (ABREU, 1988/2018, p. 09). Observamos aqui a presença do medo e da exclusão do jovem, tanto de sua mãe quanto da sociedade, pois, os sintagmas "caminhos transversos", "perguntas banais", "jeito azedo" e "flores roxas" se correlacionam, formando uma espécie de fio vital do jovem que, por mais que tentasse explicar-se, não conseguiria devido ao que se pré-determinava aos jovens que foram acometidos por uma mazela como aquela.

A partir do trecho, podemos inferir que, segundo Goffman (1963/2017, p. 6), "enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros... reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída". Apesar de ainda não revelar sua doença, as marcas estigmatizantes impetradas pelo autor tanto na voz do protagonista quanto na explicação do narrador asseguram essa ideia de afrontamento estranho e doloroso pela qual o jovem estaria acometido para sempre.

Notemos que mais uma vez, o narrador reforça esse estigma que ainda não nos foi revelado, fazendo relações para com os objetos da casa, como podemos notar no terceiro trecho, o T3, pois, "a xícara amarela tinha uma nódoa escura no fundo, bordas lascadas. Ele mexeu o café, sem vontade. De repente, então, enquanto nem ele nem ela diziam nada, quis fugir (ABREU, 1988/2018, p. 10). De fato, observamos que os sintagmas "xícara amarela", "nódoa escura" e "bordas lascadas" reforçam esse sofrimento silenciado por medo de revelar a sua doença, por não querer viver à mercê de um estigma social cruel e irreparável.

Nesse sentido, podemos considerar que o autor apresenta notas para que o leitor adentre nas entrelinhas do texto, reflita e consiga transpô-las para além dos limites da ficção, uma vez que os sintagmas "sem vontade" e "quis fugir" reforçam esse pensamento e nos coloca numa espécie de carrossel em que giramos, mas ainda não sabemos exatamente aonde iremos porque estamos diante de uma revelação que o protagonista ainda não está preparado para enfrentar ou aceitar.

Essa presença constante de sintagmas que reforçam o estigma do doente e seu inconformismo se entrelaça ao estigma social do idoso, como observamos no quarto trecho, o T4, em que o narrador nos conduz para um diálogo entre ambos os estigmas apresentados, pois, "por entre as flores roxas, ele viu as inúmeras linhas da pele, papel de seda amassado" (ABREU, 1988/2018, p. 10). A presença dos sintagmas "flores roxas", "linhas da pele" e "amassado" reforçam tanto sentimentos de dor quanto de saudade, pois, ao mencionar as flores, a linha do tempo e as marcas, respectiva e metaforicamente, o autor nos apresenta um diálogo entre as dores das personagens estigmatizadas, o doente e a idosa, "atributos profundamente depreciativo" (GOFFMAN, 1963/2017, p. 6).

No entanto, antes de prosseguir com esta análise, destacamos que, no decorrer da história, observamos que dois pontos importantes vêm sendo revelados: a decadência clara da mãe e a do filho que, para ela, não está tão óbvia. Isso acontece porque sempre

que entra no assunto, o filho esconde ou apenas disfarça sua dor, como personificada por meio de sua magreza e dos poucos cabelos que ainda restam.

Esse medo de magoar a mãe é revelado no quinto trecho, T5, quando ao perguntar o porquê de sua visita, ele recua e diz: "nada, mãe. Não foi nada. Deu saudade, só isso. De repente, me deu tanta saudade. Da senhora, de tudo" (ABREU, 1988/2018, p. 11). De fato, é confortante sentir saudade daqueles que amamos, entretanto, o que nos deixa confortáveis com o protagonista é a maneira como ele foge de todas as perguntas da mãe. Ora, se estava com tanta saudade de tudo, de todos como observamos a partir dos sintagmas "tanta saudade", "da senhora" e "de tudo", não haveria motivos para recuar e não ser acalentado pela mãe. A verdade é que, desde o início do texto, notamos que algo está sendo escondido, o que pode estar associado ao contexto de publicação do conto.

Ao nos reportarmos ao passado, fazemos uma imersão no período em que a *Acquired Immunological Deficiency Syndrome*, ou comumente conhecida como AIDS, estava sendo considerada um câncer social e, notamos, claramente, que o filho apresenta seus estágios, seus sintomas. E o silenciamento da doença é claro no texto, pois o que sabemos é que a televisão "diz que tem umas doenças novas aí, vi na tevê. Umas pestes" (ABREU, 1988/2018, p. 13), diz a mãe, que prontamente é interrompida pelo filho ao mudar de assunto. Essa percepção fica clara porque para um leitor atento, ao relacionar a aparência do protagonista à doença, o narrador nos sugere o motivo dessa visita: contar para a mãe a sua verdadeira condição física: "aqui, deve-se mencionar a predisposição à 'vitimização' como um resultado da exposição da pessoa estigmatizada" (GOFFMAN, 1963/2017, p. 11). Nesse momento, uma indagação permeia a mente do leitor: Seria correto contar para a pobre mãe sua condição, uma vez que assim como ele, ela também se encaminha para os últimos momentos de vida e já sofre sozinha pelo estereótipo criado frente ao estigma da velhice?

Notamos, a partir de então, uma suavidade na forma como Caio Fernando Abreu apresenta a doença, deslocando-a de estigma social do seu agente causador, os homossexuais, dando-a um tratamento diferenciado. O tratamento dado ao agente causador não é apenas uma fraqueza, mas indulgência e delinquência, vícios e sexo desviantes, apresentando a exclusão e marginalização do doente como um processo natural, o qual deveria ser silenciado e nunca aceito pela sociedade, por se tratar de algo diferente, repulsivo e anormal. Outro fator importante no conto é o enfraquecimento do relacionamento entre mãe e filho. Existe um saudosismo familiar que acentua ainda mais a tristeza e a melancolia do reencontro. Uma situação que aguça o desgaste dos corpos das personagens, enfatizada por um futuro de desesperanças que aguarda a morte, o que contribui para deixar suas existências ainda mais terríveis.

Ao nos colocarmos na condição de leitores, podemos afirmar que esse saudosismo se configura como uma tentativa de escape de um futuro incerto e, provavelmente, doloroso para o protagonista, que virá a encargo das mazelas que a doença acarretará a longo prazo, um reflexo vergonhoso, uma tentativa de rebobinar a fita, sem solução alguma. Apenas uma válvula de escape confusa de "alívio, vergonha" (ABREU, 1988/2018, p. 10). Nesse caso, a morte o pouparia do desgaste tenebroso como acontecia com os doentes na época em detrimento da revelação da doença.

É importante destacar isso, porque nos conduz de volta para a trajetória inaceitável da sua mãe, como observamos no sexto trecho, o T6, quando ela enfatiza que prefere viver sozinha, jogada, a viver com sua filha e o genro, pois, para a mãe, devido as

construções sociais, "Iam ter que me esconder no dia das visitas, Deus me livre. A velha, a louca, a bruxa. A megera socada no quartinho de empregada, feito uma negra" (ABREU, 1988/2018, p. 12). Ou seja, o estigma social que permeia a vida do idoso é ainda mais doloroso porque, conforme os sintagmas "velha", "louca" e "bruxa", o idoso é tratado no texto como um sujeito asqueroso, incapaz de conviver em sociedade e capaz das piores coisas possíveis quando colocados em contato com o outro. Além disso, o autor ainda reforça isso ao comparar no texto o idoso a outros sujeitos estigmatizados na sociedade, a citar, o negro, revelando-nos, assim, que conviver com idosos seria uma vergonha irreparável para qualquer familiar.

Essa vergonha, mesmo que ainda velada, permite-nos compreender a dificuldade que as pessoas sentem para expor seus problemas e buscarem uma solução. É um caminho em contramão à esperança. Qualquer tentativa é frustrante, como observamos no sétimo trecho, o T7, pois, "quase falou. Mas ela pisou primeiro. E desviou os olhos para baixo da mesa, segurou com cuidado a cadela sarnenta e a trouxe até o colo" (ABREU, 1988/2018, p. 13). Nesse ponto, a voz do narrador, refletida pelos sintagmas "quase falou" e "desviou os olhos", nos afirma que a todo custo, o filho continuaria escondendo o porquê da viagem para a mãe. Entendemos esse momento com a certeza de que é a vergonha um dos pilares da vulnerabilidade dos sujeitos estigmatizados no texto. Aqui, o tempo continua passando e deixando lacunas na história de vida do protagonista, cabendo ao leitor desvendar seus mistérios e qual a relevância para a interpretação dos períodos vazios do jovem homem, pois, no que diz respeito a sua mãe, as marcas deixadas pelo tempo reforçam o estigma da velhice, entretanto, não a amedronta tão quanto o estigma da pessoa soropositiva.

Outrora, os poucos momentos que podemos considerar como quase alegres no conto, como a alegria da mãe, ao contemplar o líquido verde do isqueiro do filho, são bloqueados imediatamente pelo protagonista, ao fechar a mão rispidamente. De certa forma, pensamos que ele queria poupá-la de uma falsa esperança de um futuro para ele. Aos poucos, o texto nos assegura que não existe tanto tempo para nenhum dos dois, pois, a melancolia prevalece e se sobrepõe aos momentos que poderiam servir-lhes de fuga, descartando qualquer possibilidade de alegria para ambos os personagens durante a visita inesperada.

No oitavo trecho, o T8, ocorre a revelação da doença, pois, "no fundo do espelho na parede... a sombra de um homem magro demais, cabelos quase raspados, olhos assustados feito os de uma criança" (ABREU, 1988/2018, p. 16) revela-se, fazendo com que o leitor, enfim, relacione a casa, objetos, o passar do tempo e a aparência do protagonista a um sujeito acometido pela doença silenciada na narrativa, estigmatizando-o ainda mais, conforme nos indica o sintagma "homem magro demais", relacionados a cabelos caindo e medo de enfrentar uma sociedade preconceituosa e que vive sob as condições do dual, do certo ou errado, do belo ou feio, do aceitável ou abominável.

Essa dualidade de condicionamentos reflete um jogo melancólico e sem cor, reforçado a cada parágrafo do conto, a partir de suas frases curtas e contrastantes, que deixam o leitor preso em busca de saber o verdadeiro motivo das dores que acomete a vida do protagonista. O leitor não precisa tentar dar explicações, mas entender esse processo degradante que acomete a vida do jovem homem, que sofre por um passado sem dores que não voltará e por um futuro alegre que não acontecerá. Assim, o leitor pode compreender que a forma degradante que os corpos dos sujeitos são apresentados, reflete a própria AIDS, pois a cadela quase cega, a mãe com marcas amareladas nos

dedos causadas pelo cigarro e a magreza do filho, juntamente à decadência da casa antiga, em meio a uma cidade provinciana, são peças do quebra-cabeças que vai sendo construído a cada linha do texto, tentando destacar a história de uma beleza que vem sendo destruída, isto é, a relação maternal que logo deixará de existir porque tudo se deteriora e tem fim.

Com o final se aproximando, notamos que o conto transparece o que poderíamos definir como a tentativa de explicar a complexidade da existência, porque é concluído sem que o protagonista prossiga com a sua dor. Até porque, ao afirmar que "Só as mães são felizes", ainda na epígrafe, o autor nos sugere que qualquer outro sujeito viverá penetrado pela impossibilidade de ser feliz. Isso nos remete a pensar que "a identidade pessoal, assim como a identidade social, estabelece uma separação, para o indivíduo, no mundo individual das outras pessoas" (GOFFMAN, 1963/2017, p. 59).

Após a análise, observamos que Caio Fernando Abreu se estabelece na literatura como um escritor que mergulha na repressão de um autoritarismo de um governo ditatorial e nos brinda com personagens dolorosos, mas fortes. Aborda temas da vida, como a incerteza de um futuro, o medo de encontrar a morte, de revelar-se e discutir temáticas como a AIDS e a importância do sujeito idoso.

Desse modo, a leitura pensada do ponto da relação entre a literatura e sociedade, permite que, por um lado, o leitor mergulhe nas mazelas de um Brasil estereotipado por uma doença que refletia os sujeitos contaminados como desviados e pervertidos, condenados ao silenciamento, isolamento, tristeza e melancolia, produtos de uma sociedade de sentimentos escuros e renegados ao pessimismo individual e coletivo. Por outro lado, reforça o estigma do idoso que também é marginalizado, condicionado ao isolamento, à solidão, à dor do abandono e ao sentimento de perda da longevidade devido as linhas massacrantes do tempo.

5 AINDA NÃO É O FIM

O presente trabalho realizou uma análise sobre as relações entre as personagens estigmatizadas presentes no conto "Linda, uma história horrível" (1988/2018), de Caio Fernando Abreu, por meio de uma discussão pautada na análise dialógica do texto, a partir de um roteiro de leitura proposto para o Ensino Médio, destacando a mobilização das vozes sociais enquanto sujeitos estigmatizados e deteriorados.

Para que fossem alcançados os objetivos, apresentamos uma discussão a respeito dos conceitos de dialogismo, discurso e vozes sociais bakhtinianos, somados à teoria do estigma, discutida por Goffman. Com base nisso, realizamos uma leitura interpretativa-descritiva, tendo como pano de fundo a análise dialógica do texto, buscando responder as seguintes perguntas: De que maneira os diálogos entre as personagens do conto "Linda, uma história horrível", de Caio Fernando Abreu (1988/2018), caracterizam-nas como seres deteriorados? E como os discursos ideológicos presentes no conto interferem durante esse processo de estigmatização das personagens?

De acordo com a primeira pergunta, observamos que as vozes sociais representadas no conto representam a heterodiscursividade de cada um dos enunciados analisados, uma vez que, escolhas sintagmáticas, feitas pelo autor, revelam os índices de valoração social que recaem sobre cada uma dessas vozes, também permitem observar como aconteceu o processo de estigmatização dos dois personagens da narrativa.

No que diz respeito a segunda pergunta, o autor faz uso de sujeitos penetrados por vozes sociais inconformadas com os estereótipos criados, mediante os estigmas do idoso e da pessoa soropositivo, que buscam enfrentar a sociedade preconceituosa vigente. Se, por um lado, a mãe idosa, mesmo inconformada com os acontecimentos e com as incertezas da vida, aceita a sua condição, ironicamente, critica os arranjos sociais para com sua condição; por outro lado, o jovem homem se apresenta como um sujeito embriagado pelo medo que a todo custo tenta esconder a sua condição visto que, à sua época, estar acometido da AIDS é temerosamente considerado uma abominação, a qual deve ser excluída da sociedade.

A partir disso, notamos que a análise interpretativa realizada nesta pesquisa destaca que o autor potencializa uma ressignificação dos estigmas a partir da mobilização dessas vozes sociais representadas no conto, tensionando alteridades deterioradas, pois, a discursividade da obra aponta para um universo em que esses sujeitos convivam livremente, mesmo diante da incompreensão de sua própria condição. Ao utilizar o roteiro de leitura como ponte para interpretação do conto, observamos uma possibilidade de análise que revela a literariedade do texto a partir de recursos sintagmáticos expressos pelas personagens, ao representarem territórios de disputa de lugar de existência. Assim, é preciso reaver os espaços próprios das vozes sociais estereotipadas e deterioradas pelo carma do estigma social, pois, uma vez fragilizada, essas vozes encontram-se em um ambiente de alteridades subalternizadas.

Desse modo, os resultados apontam que a maneira como as personagens são construídas, apresentadas e caracterizadas na obra, inclinam-se pretensiosamente para estereótipos hostilizados e enjaulados, pré-concebidos, para viverem sob o carma da alteridade deteriorada, projetando corpos negados e vozes silenciadas pelos estigmas da velhice e da pessoa soropositivo. A leitura do conto aponta para a seguinte reflexão: tanto os personagens quanto o narrador são sujeitos transgressores das convenções sociais, os quais buscam liberdade e lugar para coexistirem, provocando no leitor uma inquietação social diante da (in)completude desta análise.

Sobretudo, esta análise nos permite pensar a leitura dialógica enquanto uma forma de manter o texto aberto e sempre inconcluso, que, mesmo percebendo-o como uma experiência capaz de revelar as perplexidades que estereotipam sujeitos silenciados, como o idoso e da pessoa soropositivo, também possibilita reflexões necessárias sobre a fortuna crítica de Bakhtin e seu Círculo, bem como sua relação para com a teoria do estigma de Goffman. Portanto, essa pesquisa nos inclina para um universo em que personagens hostilizados nos servem para compreender alteridades deterioradas, reclusas, subalternas e medonhas, que provocam inquietudes sociais, uma vez que são assumidas em sua completude.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. Linda, uma história horrível. In: ABREU, C. F. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Cia. das Letras, 2018. E-book (148p.) color. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2018/12/ABREUCAIO-FERNANDO-OS-DRAGONES-NAO-CONHECEM-O-PARAISO.PDF>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

BACCEGA, M. A. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 13, p. 7-14, dez. 1998.



- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 57-80.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BOSI, A. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, A. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975. p. 7-22.
- CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: WANDERLEY, M; BÒGUS, L; YAZBEK, M. C. (org.) **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 1997. p. 15-46.
- CULLER, J. O que é Literatura e tem ela importância. In: CULLER, J. (org.). **Teoria literária: uma introdução**. Trad. Sandra Guardini T. Vasconcelos. Beca, 1999. p. 26-47.
- FANINI, A. M. R. O romance: uma forma ético-política na perspectiva baktiniana. **Bakhtiniana**, v. 8, n. 1, p. 21-39, jan./jun. 2013.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2013.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- MONTALVÃO, S. Representando o preconceito: o homem sem rumo de Salim Miguel. **Graphos**, v. 7, n. 21, p. 191-200, jan. 2005.
- SARAIVA, J. A. **Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SIQUEIRA, R.; CARDOSO, H. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, v. 1, n. 2, p. 92-113, 2011.



STAFFORD, M. C.; SCOTT, R. R. Stigma deviance and social control: some conceptual issues. In: S. C. AINLAY; G. BECKER; L. M. A. COLMAN (Eds.), **The Dilemma of Difference**. New York: Plenum, 1983. p. 77-91.

TEZZA, C. Sobre *O autor e o herói* – um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p. 231-256.

VOLÓCHINOV, V. **(Círculo de Bakhtin) Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

WALL, A. Os personagens na teoria de Bakhtin. **Revista Odisseia**, v. 4, n. 2, p. p. 1– 20, 2019.

Artigo recebido em: 10/04/2023

Artigo aprovado em: 10/06/2023

Artigo publicado em: 22/06/2023

COMO CITAR

DANTAS, J. C. G.; NUNES, C. B. As marcas do estigma: uma análise dialógica do conto "Linda, uma história horrível", de Caio Fernando Abreu. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-20, e02309, 2023.